

35º Encontro Anual da ANPOCS
24 a 28 de outubro de 2011

GT 09 – Esporte e Sociedade

Título do Paper:

O reflexo de Narciso: análise dos jogos olímpicos gays como alternativa no sistema esportivo mundial

Autores:

Doutorando Wagner Xavier de Camargo
Profa. Dra. Carmen Silvia de Moraes Rial

Instituição:

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**O REFLEXO DE NARCISO:
ANÁLISE DOS JOGOS OLÍMPICOS GAYS
COMO ALTERNATIVA NO SISTEMA ESPORTIVO MUNDIAL**

RESUMO

Assim como Narciso fascinou-se com sua figura refletida no lago espelhado, os Jogos “Olímpicos” Gays (ou *Gay Games*) espelham-se nos Jogos Olímpicos convencionais, copiando-os. A proposta deste texto é analisar o sistema de competições esportivas para a população de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) através de sua auto-identificação com as *formas-representações* esportivas convencionais, tecendo uma perspectiva comparativa a partir de uma discussão sobre ideais, objetivos, ações daqueles megaeventos, no sentido de apreender sua “essência” e busca por identidade. Este manuscrito teve por finalidade: a) caracterizar as competições esportivas LGBT, tipificando-as; b) traçar comparações no sistema esportivo global entre tais eventos e o olimpismo convencional; e c) analisar propostas “alternativas” para pensar o próprio sistema esportivo global.

Introdução

Conta-se que Narciso tinha uma beleza singular. De tão belo, não apenas era desejado como também invejado. O advinho cego Tirésias já havia previsto que Narciso viveria até a velhice se não se conhecesse (GRAVES, 2007), ou seja, se não visualizasse a própria imagem.

Como muito comum nas lendas gregas, o destino dos que passaram para a história é um final trágico. Assim ocorreu com Narciso, que na idade de dezesseis anos aproximou-se de uma fonte d’água e deu início a maldição que os deuses lhe imputaram e o vivente predissera: ao conhecer sua beleza por meio do reflexo nas águas cristalinas, quedou-se desesperado pelo seu “eu-refletido” e consumiu-se na vã tentativa dessa captura (VETTORAZZO FILHO, 2007).

Proponho um *reload* desse mito grego para tratar de um tema com estreita relação. A analogia que trago diz respeito aos jogos olímpicos (convencionais), um megaevento velho conhecido desde o advento do esporte

moderno em 1896, e os então denominados jogos “olímpicos” gays (ou *gay games*)¹.

Na alusão que tento articular, os jogos gays estariam para Narciso, assim como sua imagem refletida para os jogos olímpicos. A inversão aqui é proposital: ao passo que Narciso (jogos gays) carrega o azar de sucumbir envaidecido pelo que deseja ser, sua imagem refletida no lago (jogos olímpicos) é o ideal a ser alcançado, o inatingível, tanto em termos de *status*, quanto em termos de modelo a ser copiado.

É nesse estado de transitoriedade entre uma coisa e outra, um modelo e outro, entre cópia e original, entre ideal e idealizado, que minha pesquisa sobre masculinidades dissonantes no campo esportivo se situa. A proposta deste texto é analisar os *gay games* através de sua auto-identificação com os jogos olímpicos, tecendo uma perspectiva comparativa a partir de uma discussão sobre ideais, objetivos e ações daqueles megaeventos, no sentido de apreender sua “essência” e busca por identidade.

Gay Games²: origem, ideais e dissonância

Tudo começou em meados dos anos 1980 quando Tom Waddell, decatleta norteamericano participante das Olimpíadas de 1968, decide criar a primeira versão de uma competição esportiva, que reuniria atletas gays, lésbicas, bissexuais, travestis (e mesmo heterossexuais), e onde a livre participação e inclusão seriam valores a serem buscados e assegurados. Surgem, então, os Gay Games.

Eles são a origem de todas as manifestações esportivas contemporâneas que temos para esse segmento social. Tais jogos emergem no bojo das

¹ Vale destacar que tais competições esportivas nasceram sob a designação de jogos gays (Gay Games). Eles eram jogos identitários como outros quaisquer e só vão ganhar importância e volume de participações a partir da metade dos anos 1990.

² Apesar da periodicidade e caráter olímpicos de tais jogos, o Comitê Olímpico Norteamericano (USOC) proibiu Tom Waddell e a Federação dos Gay Games (FGG) de se utilizarem da expressão “olimpíadas” como referências a eles, após uma longa batalha judicial nos anos 1980. Como destacou Perry Young (1995, p. 119), “The fight over the name proved long and expansive, but the Olympic Committee finally (with the blessing of the U.S. Supreme Court) succeeded in blocking Waddell’s use of the word ‘Olympic’”.

manifestações políticas oriundas daquele momento pós-revolução sexual, na esteira dos efervescentes debates sobre identidades:

Waddell's vision was to gather lesbian, gay, bisexual, transgender and supportive heterosexual athletes in an international athletic competition in which athletes could openly celebrate both their athletic and sexual identities in ways not currently possible in most mainstream sporting events (GRIFFIN, 1998, p. 190).

No currículo esportivo de Waddell havia o 6º posto no ranking final da prova de Decathlon, da olimpíada mexicana (PRONGER, 1990; BOSCH & BRAUN, 2005). Apesar de oriundo dos eventos esportivos *mainstream*, ele era engajado politicamente e defendia a prática do esporte como exercício de cidadania³. Considerado o “pai dos jogos” (BOSCH & BRAUN, 2005, p. 186) foi a partir de sua iniciativa que os *Gay Games* passam a uma existência institucionalizada de prática esportivizada de/para *queers*, além de incluir, ao mesmo tempo, atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos também no sistema esportivo global.

Para entender a importância que a literatura esportiva nos estudos *gays* e lésbicos confere a Tom Waddell, basta dizer que ele está para os “jogos olímpicos gays” assim como Pierre de Coubertin (ou o Barão de Coubertin) está para os jogos olímpicos da era Moderna. Tom Waddell, de modo algum, defendia a exclusividade das competições como ambientes restritivos (ou como *guetos*). Na verdade, era contra a competição entre atletas — entendida enquanto ‘conflito’, onde apenas um pode vencer —, pois apesar de a competição de trazer consigo a igualdade formal de chances, exclui a maioria.

Há quase 30 anos as competições esportivas vêm sendo organizadas pela Federação dos Gay Games (FGG), sediada nos Estados Unidos, e composta totalmente por membros voluntários. Institucionalizou-se em 1989 a partir dos esforços de amigos próximos a Waddell, que continuaram mantendo sua ideologia mesmo após sua trágica morte por complicações relacionadas a

³ De acordo com Judy Davidson (2006), mesmo durante a participação nos jogos de 68, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico americano em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio, em referência direta ao “black power”.

AIDS. Segundo o site oficial da FGG, “Built upon the principles of Participation, Inclusion, and Personal Best, since 1982 the Gay Games have empowered thousands of LGBT athletes and artists through sport, culture, and fellowship”⁴.

Com o lema de Waddell ainda estampado no subtítulo da organização (*participação, inclusão e melhor de si*), ela possui página na internet, um comitê diretor (com equidade representativa de gênero) e representa quatro continentes (exceto África). Para o processo seletivo de cidades-sedes interessadas na realização dos jogos, o comitê diretor da FGG disponibiliza o cadastro *online* — através de formulários específicos, muito semelhante ao que é feito em outras competições convencionais⁵ — e, após meses de vistorias e análises do relatório de intenções, decide-se pela melhor candidata. Certamente menos glamoroso do que o processo multimilionário do Comitê Olímpico Internacional (COI). A seguir há uma tabela sistematizada com dados dos jogos gays ao longo de sua “história”:

Tabela 1: Gay Games:
Cidades-Sedes e Número de participantes

| Ano | Versão dos Jogos | Cidade | País | No. Participantes |
|------|------------------|---------------|-----------|-------------------|
| 1982 | I Gay Games | São Francisco | EUA | 1.350 |
| 1986 | II Gay Games | São Francisco | EUA | 3.500 |
| 1990 | III Gay Games | Vancouver | Canadá | 7.300 |
| 1994 | IV Gay Games | Nova Iorque | EUA | 12.500 |
| 1998 | V Gay Games | Amsterdã | Holanda | 13.000 |
| 2002 | VI Gay games | Sydney | Austrália | 11.000 |
| 2006 | VII Gay Games | Chicago | EUA | 11.500 |
| 2010 | VIII Gay Games | Colônia | Alemanha | 12.900 |
| 2014 | IX Gay Games | Cleveland | EUA | ... |

Fontes: Adaptado de BOSCH & BRAUN (2005) e complementado com dados da Federação dos Gay Games (2011).

⁴ Mission, Vision, and Values – Federation of Gay Games. Disponível: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>>, acesso em 20. ago. 2011.

⁵ O Brasil preencheu e entregou em várias ocasiões tais documentos: para tentar sediar a Olimpíada de 2004, a de 2012 e a de 2016 no RJ, os jogos Panamericanos, em 2007 e ainda, para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2010 e de 2014.

Pela tabela percebe-se que ocorre, de tempos em tempos, um retorno das competições ao território americano, sob supervisão da FGG. Isso sugere a existência de uma “política de controle”, segundo se constatou em conversas informais realizadas em campos etnográficos⁶. Apesar dos textos no site ressaltarem Direitos Humanos, Cultura LGBT e Inclusão, a FGG confere um caráter de competição esportiva de alto nível. Tal aspecto é percebido nos discursos de atletas norteamericanos⁷. Ou seja, o esporte é o propulsor da realização dos jogos e, nesse sentido, trazê-los de volta para os EUA significaria reafirmar a política ideológica institucional. Veremos que tal manobra é importante justamente frente a novos movimentos que sugerem alternativas outras que não só a realização de práticas esportivas.

Para entender melhor a dimensão do fenômeno em discussão, podemos comparar o *Gay Games* com outros os dois eventos máximos dentro do sistema esportivo global contemporâneo, quais sejam, as versões de verão dos Jogos Olímpicos e os Paraolímpicos⁸. Enquanto os *Gay Games VIII*, ocorridos em Colônia-2010, contaram com a participação de 12.900 atletas, as respectivas edições olímpica/paraolímpica em 2008, em Beijing (China), registraram, respectivamente, 10.500 e 4.800 atletas⁹. Isolamos a variável “número de atletas” apenas para destacar que os *Gay Games* são voltuosos no número de participantes que atraem. Brian Pronger (1990) e Pat Griffin (1998) já haviam frisado numericamente essa competição, inclusive atentando para a proporção de participação de gêneros:

⁶ A pesquisa de doutorado que originou este manuscrito desenvolve intervenção etnográfica desde a VII edição dos *Gay Games*, em Chicago-2006. Logo após vieram os *World Outgames II*, em Copenhage-2009, os *Gay Games VIII*, em Colônia-2010 e, por fim, os *North American Outgames*, em Vancouver-2011.

⁷ Chega a ser bastante convincente o discurso dos atletas que foram entrevistados em Vancouver, no campeonato da região norteamericana. Eles assumem a versão oficial da federação esportiva gay e dizem que “o esporte é muito importante na vida deles” e que vão para os jogos para “competir e mostrar para todos os heterossexuais que eles também podem”. Além de reproduzirem as posturas que atletas de elite têm em relação ao esporte profissional, eles “se convencem” que fazem o mesmo (salvo os recordes quebrados na classe master, na natação, os demais são inferiores às marcas olímpicas).

⁸ Jogos e campeonatos para pessoas portadoras de deficiência física e sensoriais. São realizados poucas semanas após os jogos olímpicos convencionais (CAMARGO, 2000).

⁹ Registros de campo de um dos autores, a partir de “participações-observantes” nos jogos mencionados.

In 1986, the Gay Games attracted 3.482 athletes with a ratio of men to women of 3:2 in a total of seventeen sports. (This is to be contrasted with the 1988 Olympics in Seoul where the male/female ratio was 2,5:1) [...] Gay Games III in Vancouver (1990) had over 7,200 athletes registered (which totals over 120 more than participated at the 1984 Los Angeles Olympic Games) in thirty-two sports (PRONGER, 1990, p. 252)

In 1994 in New York City, Gay Games IV attracted more participants than the 1992 Barcelona Olympics. Gay Games V will be held in August 1998 in Amsterdam and will probably do the same (GRIFFIN, 1998, 190)

Para além destas superficiais quantificações, importante se faz destacar que os *Gay Games* se originaram como evento esportivo “alternativo” a jogos heteronormativos convencionais — tanto na ótica ideológica de Waddell, quanto na das políticas identitárias dos anos 1980 — e, nos últimos tempos, têm adquirido contornos de um “projeto exclusivo”, seja pelos constantes retornos aos Estados Unidos, seja pelos argumentos polêmicos levantados por militantes “separatistas”, que resolveram organizar um campeonato praticamente paralelo ao de Chicago, em 2006. Pela primeira vez emerge uma nova estrutura esportiva organizacional como opção, qual seja, a dos *OutGames*, elaborada e proposta pela Associação Esportiva Internacional de Gays e Lésbicas (*Gay and Lesbian International Sports Association – GLISA*). Para rivalizar com os *Gay Games* de 2006, foi organizado em Montreal (Canadá) os *I World OutGames*, com apenas 2 semanas de diferença.

Com a meta de agregar militantes descontentes com a então política da FGG (que, segundo consta nos discursos insuflados, privilegia o esporte de alto rendimento na esfera LGBT internacional), e de tentar mudar o direcionamento das práticas esportivas de modo a realizar um evento que envolvesse também outras demandas do cotidiano *queer* — como direitos humanos, civis e políticos de grupos raciais excluídos — surge nos idos de 2003 e 2004 a ideia de realização de um campeonato mundial que agregasse gays, lésbicas, bissexuais, transsexuais, transgêneros, travestis e simpatizantes. Assim, foram inventados os *World OutGames* (WOG)¹⁰. Com nome jurídico e respaldo

¹⁰ Registros na literatura são escassos, senão raríssimos, dado o pouco tempo de vida do evento. Em sua divulgação pela América, houve em São Paulo uma conferência, que fez “propaganda” do formato alternativo para o que chamou de “novas competições” (LAJOLO,

institucional, as competições são realizadas em cidades-sedes escolhidas previamente e organizadas segundo os direcionamentos da GLISA. Tudo é coordenado por profissionais que são contratados terceirizados (para oferecer serviços de planejamento, organização, execução e prestações finais de contas)¹¹.

Evocando palavras de ordem mais engajadas e urgentes para as temáticas contemporâneas de “minorias sexuais”, tal grupo “dissidente” propaga suas concepções via internet, site oficial e no boca-a-boca. A propaganda “oficial” é de que os WOG se apresentam como “via múltipla” aos insatisfeitos com o “regime ditatorial” do rendimento esportivo proposto e imposto pela FGG¹². Geopoliticamente, enquanto a FGG atua e tem grande influência em território estadunidense, a GLISA trata de angariar apoiadores em todas as partes do mundo, sobretudo em países em desenvolvimento¹³.

O canadense Mark Tewksbury tornou-se o primeiro presidente do Comitê Organizador dos Jogos (LAJOLO, 2005; BOSCH & BRAUN, 2005), e logo se estabeleceu um fogo cruzado sobre quem detinha o melhor modelo e o “monopólio” de realização de competições esportivas específicas para o movimento internacional LGBT: de um lado os americanos e sua política de

2005). Nas etnografias realizadas, o tema sempre foi pauta em conversas formais e informais com atletas, dirigentes e militantes, de modo que, se analisado em perspectiva, ainda tende a apresentar novas informações, visto que a história ainda se desenrola e o trabalho etnográfico produto do doutoramento se encontra em andamento, como já citamos.

¹¹ Tal aspecto foi constatado por um dos autores em campo etnográfico junto aos comitês organizadores da Dinamarca, em 2009, e de Vancouver, em 2011.

¹² Cabe salientar que esse é o formato padrão dos WOG, diferentemente da FGG que apenas oferece o programa esportivo nos GG. Sobre as duas instâncias, a conferência ocorre nos três primeiros dias e os jogos nos sete restantes. Salvo raras exceções de algumas pessoas que participam dos dois âmbitos, não há interligação entre os grupos e enquanto os atletas ainda não estão presentes nos dias prévios às competições, os demais discutem questões sócio-políticas e humanitárias. No decorrer da semana, porém, no momento em que os atletas competem, os conferencistas estão aproveitando os passeios turísticos que o local oferece. Interessante pensar em que tipo de interação social há entre atletas e conferencistas, e se isso não deveria ser tomado como definidor de uma política de unificação do movimento de “evento único”, proposto por um grupo autônomo em Berlim e que atualmente tramita como possibilidade para os jogos de 2018.

¹³ Analisando friamente a “geopolítica” estratégica da GLISA é possível perceber a preocupação na atração de pessoas vindas de áreas onde ainda a homossexualidade é criminalizada, ou mesmo onde os direitos básicos de respeito à diversidade sexual não se cumprem. Por isso, o programa Outreach (auxílio financeiro para participações na Conferência dos Direitos Humanos) é bastante eficaz e representantes de países africanos, sul-asiáticos, centro-americanos e leste europeus participam, constantemente, desses eventos. Além disso, nos últimos anos foram criadas a GLISA North America, GLISA South America, GLISA Europe, GLISA Asia-Pacific. Em praticamente 5 anos o “modelo” alternativo de gerenciamento esportivo LGBT sobrepujou a hegemonia mundial da FGG.

pride (orgulho) dos ‘jogos olímpicos gays’ (DAVIDSON, 2006), de outro, os canadenses, parte dos europeus e a esmagadora maioria dos países “fora do circuito”¹⁴, que defendiam “algo a mais” além do que era enfatizado.

Além das questões políticas particulares, Tewksbury destacou pontos importantes do projeto — como a visibilidade e a dimensão econômica —, na coletiva imprensa em São Paulo, quando disse:

Tivemos basicamente uma divergência filosófica. Eles [a FGG] queriam fechar os jogos e nós achamos que eles devem ser algo maior, com eventos culturais, diversão e que rendam dividendos, como os Jogos Olímpicos (LAJOLO, 2005, p. D2).

O “fechar” referia-se, implicitamente, ao ato de tornar os ‘jogos exclusivos’ só para *gays*, quando em realidade, não havia tal pretensão em seu nascimento. Além disso, junto à visibilidade tecnicamente alcançada ao ser “algo maior”, haveria também a dimensão econômica atrelada ao processo e a possibilidade de lucros com as competições.

Em números, o I WOG em 2006 foi bem sucedido, “com mais de 16.000 participantes, de cerca de 120 países e assistência de 250 mil visitantes”¹⁵, mas deixou prejuízos nas contas dos organizadores de Montreal¹⁶. Sua segunda edição, em 2009, ocorreu de forma mais modesta, com 5.518 participantes (4590 atletas), de 92 países¹⁷ e, se não fosse pela ação da suporte financeiro da prefeitura de Copenhage, o balanço geral das contas do Comitê Organizador teria sido também deficitário¹⁸.

¹⁴ Conforme depoimento emblemático de “HS”, atleta alemão de atletismo que participa desde a terceira versão dos GG (Vancouver-1990), “[...] quando o grupo é grande – ou se torna grande – sempre se reparte. Logo vem uns ou outros e sugerem repartir. Isso aconteceu também no movimento interno dos atletas em Berlim, tanto em relação à participação política, quanto no que diz respeito a ida a eventos esportivos. Entre *gays*, nunca há consenso”. Diário de campo, 26.05.2010.

¹⁵ “The games in short” (ver referências).

¹⁶ Aliás não é a primeira vez que a cidade fica individualada devido à realização de competições esportivas. Isso já ocorrera em 1976, na edição dos Jogos Olímpicos de Verão.

¹⁷ “Country Statistics”, na homepage oficial dos II WOG (ver referências).

¹⁸ Esse evento custou aproximadamente 1 milhão e meio de Euros, dos quais grande parte foi paga pelo poder público. A Scandinavian Airlines-SAS foi o maior parceiro privado (SCANORAMA, 2009). Segundo minha informante JT, “só não houve prejuízos devido à doação, de última hora, de cerca de 1 milhão de coroas dinamarquesas por parte da prefeitura, vindo do apoio de Ritt Bjerregaard [prefeita]”. (Diário de Campo de 30.07.2009)

Independente das problemáticas mais gerais que circundam os eventos em análise, o que foi visto até aqui nos faz questionar se a GLISA executaria — por meio da realização dos *Outgames* — a criação de novas estratégias de construção da equidade e da visibilidade de gênero, num esforço além-muros do “gueto” competitivo do GG? E ainda, em que medida as “ações alternativas” são efetivas ou apenas mascaram um discurso e, em realidade, a grande maioria dos sujeitos participa dos eventos como se fossem indistinguíveis (bem como também seriam indistinguíveis em relação às festas, *pool-parties*, *raves* e afins)? A bifurcação que divide e coloca em campos opostos a FGG e GLISA (ou *Gay Games* e *Outgames*) pode ser estendida para outras esferas sociais, onde também está a problemática de criação ou não de “territórios morais” (PARK, 1979) específicos, os quais reúnem indivíduos que exerçam mesmas vivências, no caso, as sexuais¹⁹.

Sistema esportivo global e competições *queer*²⁰

As competições *queer* inserem-se no sistema esportivo global e, mesmo em escala menor, são um produto da Modernidade, assim como o esporte moderno o é (ELIAS, 1994). Do mesmo modo com que esse último foi difundido e apropriado de distintas formas no mundo, àquelas funcionam como projeto político de (re)invenção e (re)afirmação de identidades sócio-sexuais.

São eventos esportivos que oferecem uma variada gama de esportes, propostos e praticados por sujeitos que se auto-identificam como *gays*, lésbicas, bissexuais, transsexuais, travestis, transgêneros e inter-sexuais. Podem ter caráter local (como torneios municipais ou apresentações recreativas e

¹⁹ Apesar de interessante *insight* sobre constituição de territórios morais ou não, destacamos que a análise aqui proposta não chegará a tal desdobramento. Isso transpassaria os recortes analíticos estabelecidos deste manuscrito.

²⁰ Utilizo o termo *queer* aqui como sinônimo de diversidade encontrada no contingente LGBT. Claro que tal consideração diz respeito a um aspecto do conceito *queer*, mas não posso classificar tais jogos como “subversivos” (como demanda tal conceito), porque eles não são. Não há como desenvolver tal discussão neste texto, infelizmente, porém fica a observação de que sob a designação “competições *queer*” são encontrados todas as distintas formas de jogar e entender/praticar o esporte por parte da população LGBT.

ocasionais por fatores de comemoração de eventos)²¹, nacional (como, por exemplo, o I Campeonato LGBT da Bolívia²²), regional (estendendo-se por uma ampla área, como os North American Outgames) e mesmo internacional, cujos exemplos mais visíveis conhecidos e divulgados nos meios eletrônicos são os Gay Games (olimpíadas)²³, os World OutGames (mundiais)²⁴ e os EuroGames (campeonato europeu)²⁵. À semelhança das estruturas competitivas convencionais, os níveis de competitividade e registro de altos índices ou quebra de recordes emergem em maior proporção nas competições internacionais de grande envergadura. Não é raro encontrar ex-atletas “aposentados/as” e/ou mesmo ex-técnicos/as (que passaram grande parte de suas vidas profissionais no armário) participando dos encontros esportivos como as olimpíadas (GG) ou os mundiais (WOG).

Se buscássemos um “padrão hegemônico” para tentar descrever a população que se envolve nesses tipos de eventos, pode-se dizer que os participantes habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões metropolitanas no globo), tem escolaridade formal (geralmente nível universitário), são brancos em sua maioria e, em esmagadora proporção, do gênero masculino²⁶. Muitos moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo. No quesito renda, notadamente possuem recursos suficientes à participação, ao turismo local, à uma hospedagem confortável²⁷ e, além disso, dispõem de reservas para

²¹ Para comemorar o Orgulho Gay, Florianópolis realiza todo ano os “Diversity Games” (ou jogos da diversidade), que acontecem geralmente em três dias anteriores à Parada Gay. Porto Alegre, seguindo a mesma lógica, organiza os “Jogos Gays Gaúchos”. Outras iniciativas já ocorreram em Curitiba, Brasília e Salvador.

²² Bolívia terá campeonato de vôlei LGBT (2008).

²³ Reconhecido historicamente “pai” dos jogos gays, tais competições ocorrem a cada quatro anos à semelhança do ciclo olímpico convencional. A próxima edição ocorrerá em Cleveland, EUA, em julho/agosto de 2014.

²⁴ Conhecidos como “Jogos Mundiais da Diversidade”, iniciaram-se em 2006 e mantêm uma proposta de inclusão social das distintas identidades sócio-sexuais em seus eventos. A segunda edição ocorreu em 2009.

²⁵ São as competições que ocorrem entre os países europeus, em geral, a cada dois anos ou quando não se tem outro evento esportivo específico internacional, como os mencionados anteriormente. (EUROGAMES, 2010).

²⁶ Esse perfil prévio (e generalizante) dos participantes foi sistematizado a partir de um *survey* aplicado durante etnografia realizada nos II World OutGames, em Copenhaga (Dinamarca), entre julho e agosto de 2009. A ideia aqui é apenas registrar a média encontrada.

²⁷ Os hotéis oficiais dos eventos são sempre cinco estrelas, como a cadeia Sheraton, Hyatt e Mercury.

prolongar a estada ou agregar roteiros turísticos, nos dias posteriores ao evento em si²⁸.

Ao passo que em competições esportivas globais como Copas do Mundo de Futebol ou os Jogos Olímpicos (e Jogos Paraolímpicos), o local e o global se articulam na construção dos discursos identitários (GASTALDO, 2007), em competições *queer* há um processo similar, porém não idêntico: há grupos que vestem camisetas representativas de suas cidades e grupos que vestem cores nacionais. Essa flexibilidade de representação é permitida nesses contextos. Os discursos sobre “ser brasileiro”, “ser mexicano” ou “ser argentino” — só para citar alguns dos que os encampam — são essencialismos identitários e tem função de estabelecer fronteiras entre “o Eu” e “o Outro”. Como as identidades nacionais não podem ser tratadas de forma monolítica ou estável (HALL, 2003), e a questão das identidades de gênero fervilham na conjunto dos discursos individuais e coletivos, ocorre em competições *queer* o que se pode designar como “dessacralização dos sentimentos nacionais” (SOARES e VAZ, 2009). Isto é, aquilo que é um ponto importante de estruturação e de manutenção das “paixões coletivas” no esporte convencional, em escala planetária — inclusive movimentando bilhões de dólares em produtos, imagens e serviços que representam a nação — no caso daquelas competições é inexpressivo, pois os “sentimentos nacionais” quando aparecem, estão completamente fora do panorama midiático (APPADURAI, 1994; RIAL, 2008) e mesmo das lógicas mercadológicas esportivas globais.

Por apresentarem a característica de eventos globais — amplamente atendidas por atletas *queer* de todos os continentes — e, ao mesmo tempo, um estímulo para refletir sobre processos de territorialização/desterritorialização de gênero e de itinerância de desejos na era da globalização, os *Gay Games* e os *OutGames* apresentam-se como locais privilegiados para se explicitar a

²⁸ Fazer programas turísticos e prolongar viagens foram informações que apareceram como dados empíricos de etnografias realizadas em competições *queer* (investigadas em 2006 e 2009). A dimensão do campo econômico e esportivo dessa população atrelados às rotas turísticas internacionais será produto de um escrito futuro. Como referência a um perfil socioeconômico do segmento LGBT há o artigo de Juan Marsiaj (2003), que no entanto, não problematiza o campo esportivo. Em referência ao “turismo gay”, há o trabalho de Howard Hughes (2002).

construção de uma antropologia multisituada, oferecendo elementos estimulantes para uma etnografia entre não-lugares no tempo e no espaço²⁹.

Se voltarmos a variável “número de atletas” comentada anteriormente, chegaríamos a afirmação de que, pelo volume de pessoas arregimentadas, as competições *queer* poderiam ser consideradas “megarituais globais”, nos termos de Gustavo Lins Ribeiro (2000), ou “megaeventos esportivos” — termo mais comum atualmente e que prolifera na literatura econômica — principalmente com a preocupação crescente pelos impactos/legados que eventos dessa natureza deixarão ao futuro (RITCHIE; SHIPWAY; CLEEVE, 2009).

No entanto, excetuando-se tal variável, as competições *queer* estão totalmente fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, seja porque elas não apresentam espetacularidade e apelo midiático, não carregam popularidade, angariam patrocínios inexpressivos, não movimentam alta quantia de dinheiro, dentre outras particularidades.

Além disso, a peregrinação estabelecida nas competições esportivas LGBT, tornadas como campos etnográficos por excelência desde 2006, indicou um fator novo, que faz emergir elementos não identificáveis tão visivelmente em outros eventos esportivos convencionais: para muitos sujeitos a variável “sexo” entra em jogo e é determinante na escolha para a participação. Esse aspecto é muito semelhante com o que descobriu Carlos Eduardo Costa (2009) em sua etnografia em torneios universitários. Conforme destaca o autor,

“A relação entre *esporte* e *festa*, decisiva no plano organizacional, não está presente somente na preparação, mas também no entendimento das atividades realizadas” (COSTA, 2009, p. 33) [grifos dele].

Os sujeitos-atletas *queer* vão para os eventos embuídos de expectativas de um amplo espectro, ou seja, há desde os que entendem tais ocasiões como possibilidades múltiplas de encontros sexuais até àqueles que encaram as

²⁹ Para esse autor, “Multi-sited research is designed around chains, paths, threads, conjunctions, or juxtapositions of locations in which the ethnographer establishes some form of literal, physical presence, with an explicated posted logic of association or connection among sites that in fact define the argument of the ethnography” (MARCUS, 1995, p. 105)

atividades esportivas como uma “obrigação” para mostrarem que “os gays podem ser melhores do que os heteros também nos esportes”. Emprestando o conceito de *formas-representações* de Luiz Henrique Toledo (2002), se as regras são universais estabelecidos, as formas de jogar/praticar diferenciam *performances* e podem ser distintas, dependendo das representações simbólicas que os atores *queer* têm do próprio processo em que estão inseridos.

Outras variáveis que se agregam a anteriormente mencionada são as “drogas” (lícitas e ilícitas), o “turismo” (muitas vezes pelos circuitos de bares e boates para a prática de sexo) e o “gueto” (espaço de reforço positivo de identidades, de concepções e de ideologias de exclusão).

A guetificação para a sexualização das práticas esportivas LGBT é um importante elemento a ser analisado. Numa primeira consideração, o sexo (ou a prática sexual) poderia ter um componente subversivo dentro do esporte. Isto é, frente ao discurso de “economia de energia” para obtenção da máxima *performance* esportiva, os jogos *queer* poderiam oferecer uma via alternativa, que poria, lado a lado, duas facetas aparentemente impensáveis de estarem juntas no meio esportivo convencional: sexo e desejos. A prática sexual quando ocorre nas Olimpíadas/Paraolimpíadas, está longe dos holofotes do treinamento esportivo e da supervisão dos/as técnicos/as. A explicitação dos prazeres, por sua vez, é totalmente massacrada em prol do rendimento³⁰. Seria, na atual conjuntura esportiva mundial, impensável a liberalização geral das práticas sexuais em alojamentos, quartos de hotéis, vestiários esportivos, tanto entre atletas heterossexuais, quanto entre homossexuais fora do armário ou mesmo desses com os anteriores.

A utilização de hormônios (testosterona e G1, ou do crescimento) e escultores corporais são amplamente utilizados pelos praticantes, tanto em modalidades como natação e atletismo (que engendram *performances* atléticas individuais e são mais passíveis de buscarem resultados), quanto nas quais tal recurso é “legitimado”, como no *bodybuilding* e no *powerlifting*. O que é mais

³⁰ Um comentário interessante de Eric Anderson (2005) é o que diz que o homoerotismo faz parte da cultura masculina do vestiário e, para sufocá-la, atletas e técnicos/as heterossexuais disparam chacotas e piadas preconceituosas e homofóbicas. Para o autor a homofobia é o antídoto contra o desejo homoerótico e a esgotamento/impossibilidade contra qualquer possível de ação. Portanto, homossexuais no esporte permanecem, em geral, no armário de suas sexualidades.

paradoxal e cômico de se notar é que ao invés de pensar alternativas para as práticas esportivas envoltas com sujeitos consumidores dessas substâncias — o que também poderia ser desafiante de uma estrutura maior de controle como a WADA³¹ — cada vez mais as entidades de organização das competições (como FGG e GLISA) exercem um controle mais ferrenho, implantando políticas antidopagem e punição para os participantes.

A proposta de Claudio Tamburrini e Torbjörn Tännsjö (2005) de criação das “bioamazonas do futebol” (superatletas modificadas geneticamente para minimizar as diferenças de gênero e compartilhar benefícios no profissionalismo, tanto no futebol, quanto nos esportes em geral) poderia nos levar a uma radicalização das posturas relativas ao consumo de substâncias de esculpuração corporal e de aumento de *performance* nos sistemas esportivos, não só o *queer*, como o mundial. Isso poderia causar uma verdadeira revolução no *modus operandi* do mundo esportivo.

Outro aspecto importante de ser tratado é o que diz respeito a uma constatação (a partir do campo) de que as competições *queer* performatizariam “guetos sexualizados”, isto é, locais autoconstruídos onde a prática sexual acontece livremente. O que resta esclarecer é por quais vias isso pode ser afirmado.

Uma característica bem marcada dos espaços esportivos da população LGBT é a instalação de áreas de convivência de reforço positivo (dentro de grupos de uma mesma cidade, ou entre grupos de atletas de uma mesma modalidade esportiva, ou dentro de grupos etários), onde o fazer parte do grupo é bastante valorizado. Há, assim, o estabelecimento de amplas redes sociais, reforçamentos mútuos e reconhecimento de identidades. Em complemento a tal aspecto, como destacou Martin Levine (1998), o linguajar e os códigos de tratamento entre amigos durante as competições — o que o autor chama de estabelecimento de uma “área cultural”³² — aparece como parte da imaterialidade deste segmento social.

³¹ World Anti-Doping Agency (Agência Mundial Antidoping).

³² “The culture of a particular people dominates the geographic area, a dominance reflected in the spatial centralization of the ghettoized people's cultural traits” (LEVINE, 1998, p. 32)

Muitos gestos de afeto, contato visual, piscadelas e outros sinais de interesse sexual são abertamente trocados durante os jogos. Expressões como *darling, hanny, cutie, babie, love* são comuns. Os gays se utilizam, por exemplo, substantivos e pronomes de tratamento próprios constantemente declinados no gênero feminino, especialmente para chamar atenção de outros ou para ser irônicos com seus interlocutores. E no universo das competições podemos encontrar o que é denominado de “mundo gay exclusivo” (*exclusively gay world*), um termo também cunhado pelo autor.

Portanto, à semelhança da situação de isolamento social de gays e lésbicas encontrada por Levine (1998) no contexto do gueto norteamericano dos anos 1970 — referindo-se às redes exclusivamente homossexuais (que evitavam ao máximo o contato com heterossexuais) —, o mesmo pode ser válido para o cenário das competições esportivas. A presença de atletas heterossexuais não é completamente entendida e para nos discursos o questionamento e uma mistura de sentimentos que rejeitam tais sujeitos. Isso foi identificado em conversas informais, tanto nos bastidores do atletismo, quanto na área de aquecimento da natação, ambas modalidades altamente competitivas e com grande número de espectadores³³.

Outro componente importante desse “mundo exclusivamente gay” criado na atmosfera das competições *queer* é a questão dos resultados e a comparação objetiva desses com os produzidos em competições convencionais. Os atletas sabem costumeiramente se seus resultados são fracos ou não, significativos ou não, sempre tomando como referência os jogos olímpicos e os recordes mundiais. Entretanto, não há interesse em tornar visível seus resultados, seja porque os mesmos não são significantivos (o que poderia legitimizar o argumento de que em tais eventos o importante é a participação), seja pois eles estão completamente fora do sistema esportivo. Além disso, e

³³ Cabem aqui, no entanto, duas considerações. 1ª) Ao mesmo tempo em que os heteros são incompreendidos quando participam das contendas esportivas (e muitos são rejeitados pela competição que exercem), tornam-se objetos altamente desejados por parte dos competidores gays, que manifestam-se dizendo que “gostariam de estar na ducha com tal atleta hetero”. 2ª) não é em todas as modalidades que há o rechaço à figura do homem heterossexual. No voleibol, no handebol, no tênis e mesmo no futebol é bastante comum a presença destes atletas para “comporem times incompletos”. Em Vancouver ouviu-se a estória que a equipe de futebol de Seattle (EUA) tinha contratado jogadores heterossexuais para completarem a equipe e, em vista disso, conquistarem títulos em jogos convencionais.

apesar da presença de parques patrocínios privados (a maioria deles é público), as competições *queer* estão totalmente na periferia do “mercado global esportivo” e também apartadas das lógicas da “produção em massa de atletas”, conforme se referem Antônio Soares e Alexandre Vaz (2009).

A assistência de público nas cerimônias de abertura e encerramento poderia ser um fator que elevasse tais competições a um grau de comparação com os esportes convencionais. No entanto, tais cerimoniais funcionam mais como “circo de horrores” do que como eventos esportivos *standard*.³⁴ Nesse aspecto os jogos gays e paraolímpicos se assemelham, pois ambos atraem públicos direcionados (parentes ou familiares envolvidos com os praticantes, ou profissionais das respectivas áreas) e não empolgam. A estratégia dos que trabalham com atletas com deficiência é apelar pela superação, pela determinação e pela ilusão de vencer (uma vez que vencendo a contenda, vence-se a deficiência). O ibope nos meios de comunicação acontece por convencimento dos espectadores da existência de uma “lição de vida” por detrás dos sujeitos, e o dinheiro que entra vem da crise de consciência daquele(s) que são sensibilizados pelo falacioso argumento da “causa deficiente”.

Os sujeitos *queer* colocam em prática o desejo de materialização de um *gay space* (HUGHES, 2002), perfilado com o território xenófobo e preconceituoso, protegido de ações e opiniões externas, com o propósito de serem aceitos e amados (narcisisticamente), tendo contatos superficiais (tanto sociais, quanto sexuais) e relacionamentos com outros iguais³⁵. De acordo com Howard Hughes (2002, p. 154), esse **espaço gay** “(...) serves as the expression of sexual and cultural identity and empowerment. It helps create and validate the individual identities of gay men. Gay space is, however, limited and is most frequently found in urban locations”.

³⁴ No estádio *Soldier Field*, em Chicago-2006, pairava uma dúvida se realmente os GG não eram conhecidos, uma vez que da capacidade de 61.500 assentos, praticamente todos estavam ocupados. Porém, o mesmo fenômeno não foi o que continuou a ser visto nos dias seguintes à abertura do evento, quando não se encontrava mais espectador algum nas arquibancadas (a não ser jogadores e namorados/as e familiares).

³⁵ O que indubitavelmente exclui outros que não se “adequam” as normas de corpo, gênero e beleza: os/as transsexuais, os/as transgêneros, as lésbicas, os/as interssexuais, os/as crossdressers.

As fronteiras do “gueto gay esportivo e sexualizado”, não são tão estritas como foram àquelas definidas pelas questões raciais e étnicas históricas dos guetos e, além disso, elas não têm tantas características estigmatizadoras. Contudo, ele funciona em sentido estrito: por um lado, os participantes se acham liberados do senso de perseguição e dos sentimentos homofóbicos de agressão, violência e resignação desencadeados pelo sistema esportivo global *mainstream*, e, por outro, o reconhecimento da sociedade ocidental contemporânea hoje é implicitamente conferido — e com ele um conceito geral de respeito pelos direitos humanos, aceitação da diversidade e tolerância com “os Outros” —, sendo a territorialização das práticas esportivas *queer* não só permitida, como “autorizada”. Como um espaço marginal, as competições estão fortemente lincadas com a sexualização dos corpos atléticos (torsos nus ou corpos semi-nus junto às piscinas, na pista de atletismo, nas quadras de esportes coletivos), e focam, assim, a implementação do desejo sexual homoerótico, que se materializa em um forum peculiar, bem distante da cena esportiva global da sociedade heterossexual.

Os “eventos esportivos *queer*” e as expectativas sobre os “capitais ejaculantes” (múltiplas possibilidades de ejaculação de um corpo) (PRECIADO, 2008) de gêneros, sexualidades, corpos e desejos vinculados ao mundo esportivo abrem a perspectiva de que ambos (Gay Games e Outgames) possam ser entendidos como “guetos sexualizados”, isto é, espaços territorializados de práticas do desejo sexual, dentro da lógica da circulação global de corpos e capitais. A economia capitalista atual tem um conteúdo político-sexual, que constroi redes virtuais de contato e comunicação, fluxos de corpos e desejos, vertidos à promoção de uma indústria pornográfica e farmacológica em escala planetária.

Algumas considerações finais

Assim como Narciso sucumbiu perante à própria imagem refletida no lago — de tão formosa e bela e, por isso mesmo, inalcançável — as competições

LGBT (ou dos jogos *queer*) rendem-se à imagem do olimpismo que miram no espelho das ilusões. Tais competições se colocam como modelo perfeito de estrutura esportiva, seja pela dimensão (falsa) da tolerância à diversidade, da propalada (e irreal) inclusão social dos “Outros”, seja pelas supostas “zonas de liberdade” estabelecidas (que são, em realidade, guetos sexuais autoconstruídos). Ao invés de buscarem seus próprios referenciais ou modelos de execução das práticas esportivas, assujeitam-se ao processo infinitamente mais fácil e indolor da cópia das formas do fazer.

O modelo dos jogos *gays* já nasceu “clone” de uma estrutura existente no sistema esportivo global. O que no início era uma tentativa de “alternativa”, com o passar do tempo assimilou-se e sujeitou-se ao conhecido e, contraditoriamente, rendeu-se ao opressor. Interessante perceber como há uma “devoção” de *gays*, lésbicas e transgêneros justamente a uma estrutura opressora de gênero como são os esportes.

A cópia do arcaico modelo heterocentrado dos jogos olímpicos convencionais coloca as problematizações aqui tecidas como um urgente problema sócio-antropológico de pesquisa no contexto global, que pode trazer múltiplos desdobramentos tanto para as estruturas esportivas conhecidas, quanto para as que se pretendem subversivas e alternativas. Quiça talvez o próprio sistema esportivo global possa ser colocado em perspectiva.

Uma resposta para o esporte praticado por *queers* está na aplicação prática do conceito de *queering the context*, já destacado na literatura dos Estudos Gays e Lésbicos, como parte do escopo crítico da Teoria Queer. Por tal ação entende-se “subverter o contexto”, desafiando as estruturas dadas que orientam as ações e promovendo a criação. Lembremos aqui das chamadas “práticas excêntricas” identificadas nos torneios universitários por Costa (2009). Mesmo não fazendo parte das “formas” de ocorrência e desenvolvimento do esporte convencional, tais “manobras criativas” promovem uma subversão do espaço, desafiando as leis universais do contexto (no caso, as regras), e não se submetem, a todo tempo, à reprodução do gesto atlético perfeito.

Voltando à nossa alusão inicial, o desfecho para nosso “Narciso” será trágico, mas não acontecerá o mesmo para sua imagem (que como imagem, permanecerá no idílico, no inatingível). Para “Narciso”, a não desvinculação de

um modelo pré-existente (heteronormativo, sexista, machista e homofóbico) trará, fatalmente, uma de duas possibilidades: a falência e desintegração enquanto modelo ou a perpétua peregrinação no deserto das eternas miragens.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Eric. **In the Game**: gay athletes and the cult of masculinity. New York: State University of New York Press, 2005.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (coord.). **Cultura Global**: nacionalismo, globalização e modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 311-327.

Bolívia terá campeonato de vôlei LGBT. **Revista A CAPA Virtual**. Disponível: <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=5213&target=_blank&titulo=BoI%EDvia+ter%E1+campeonato+de+v%F4lei+LGBT>, acesso em: 15 ago 2008.

BOSCH, Heike & BRAUN, Phillip. **Let the Games beGay!**. Stuttgart: Gatzanis Verlag, 2005.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **O Universo Desportivo de Cegos e Deficientes Visuais: uma interpretação**. 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física Adaptada (DEAFA), Unicamp, Campinas, 2000.

Come out and fight!. Suplemento: Our World. In: **SCANORAMA – The Scandinavian Airlines Magazine**. Volume único, n. 06, june/2009. p. 014.

COSTA, Carlos Eduardo. Torneios Universitários: disputas e sociabilidade nas práticas esportivas estudantis. In: TOLEDO, Luiz Henrique e COSTA, Carlos Eduardo (Orgs.). **Visão de Jogo**: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009. p. 17-44.

Country Statistics. **World OutGames homepage** – Copenhagen-2009. Disponível em < <http://www.copenhagen2009.org/Info/Countries.aspx> >, acesso em 15 jun 2011.

DAVIDSON, Judy. The necessity of queer shame for gay pride: the gay games and cultural events. In: CAUDWELL, Jayne (org). **Sport, Sexualities and Queer/Theory**. London/New York: Routledge, 2006. p. 90-105.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

Eurogames. Disponível em: < <http://www.eurogames.info/eurogames-welcome.html>>, acesso em 10 jun 2010.

GASTALDO, Édison. Ritualizações da Nacionalidade entre Torcedores da Copa do Mundo: notas etnográficas. In: **31º Encontro Anual da ANPOCS**, de 22 a 26 de outubro de 2007, Caxambu, MG. p. 01-20.

GRAVES, Robert. Sobre héroes, dioses y hombres. In: _____. **Los Mitos Griegos**. Buenos Aires, Ed. Ariel, 2007. p. 51-96.

GRIFFIN, Pat. **Strong Women, Deep Closets**: lesbian and homophobia in sport. Massachusetts: Human Kinetics, 1998.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

History of the FGG and the Gay Games. **Federation of Gay Games**. Disponível em: < <http://www.gaygames.com/index.php?id=28>>, acesso em 10. ago. 2011.

HUGHES, Howard. Marketing gay tourism in Manchester: new market for urban tourism or destruction of 'gay space'? **Journal of Vacation Marketing**, v. 9, n. 2, p. 152-163, 2002.

LAJOLO, Mariana. Gays se organizam para tirar esporte do armário. **Folha de São Paulo**, Caderno Esporte, 29 mai 2005, p. D2.

LEVINE, Martin P. 'Y.M.C.A.': the social organization of gay male life. In: LEVINE, Martin P. **Gay Macho**: the life and death of homosexual clone. New York: New York University Press, 1998. p. 30-54.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography. In: **Annual Review Anthropology**. Vol. 24: 95-117, 1995.

Mission, Vision, and Values. **Federation Gay Games**. Disponível: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>> , acesso em 20. ago. 2011

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 13-28.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Espanha: Editora Espasa, 2008.

PRONGER, Brian. **The Arena of Masculinity**: sports, homosexuality and the meaning of sex. New York: St. Martin's Press, 1990.

RIAL, Carmen Sílvia M. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RITCHIE, Brent W., SHIPWAY, Richerd, & CLEEVE, Bethany. Resident Perceptions of Mega-Sporting Events: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games. **Journal of Sport & Tourism**, 14, 2009: 143-167.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 481-504.

TAMBURRINI, Cláudio M. y TÄNNSJÖ, Torbjön. Las bioamazonas del fútbol. In: TORRES, Cesar R.; CAMPOS, Daniel G. (comp.). **¿La pelota no dobla?** Ensayo filosóficos en torno al fútbol. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2005. p. 187-210.

The Games in Short. **World OutGames homepage** – Montreal-2006. Disponível em < http://montreal2006.info/en_the_games_in_short.html >, acesso em 15 jun 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

VETTORAZZO FILHO, Homero. “O espelho”, no mito de Narciso em Machado de Assis e em Guimarães Rosa. **Revista IDE**, São Paulo, 30(45), 130-137, dezembro 2007.

YOUNG, Perry Deane. The Olympics. In: _____. **Lesbians and Gays and Sports**. New York/Philadelphia: Chelsea House Publishers, 1995. p. 107-119.